

LUGARES TEMPORÁRIOS: ESSA DOR ME PERFUROU ATÉ AS ENTRANHAS. UM MAPA AFETIVO DA CIDADE DAS MANGUEIRAS

Anna Beatriz Paiva de Moraes¹

Resumo: O trabalho “Essa Dor Me Perfurou Até as Entranhas: Um Mapa Afetivo da Cidade das Mangueiras”, busca nas relações de marcos visuais, simbólicos e imagéticos, a construção de um mapa afetivo na região metropolitana de Belém (capital do estado do Pará, na região do Norte), conhecida como “*Cidade das Mangueiras*”. Seu objetivo é construir um mapa relacionando lugares da cidade que me causam incômodos, lembranças e dores com relações afetivas, ternais e amorosas que já possui até então. O seguinte mapa busca retratar de forma subjetiva uma relação espaço-ambiente existente nesses lugares construídos, enfatizando o afeto como grande conciliador da percepção e do conhecimento sobre a cidade. A ação artística do projeto consiste em ações através de lambe-lambe, no qual é uma técnica que utiliza cartazes como intervenção urbana, nos locais propostos. Promovendo então uma nova forma de relação com o espaço público e usando a rua como suporte. E é dentro dessas vias ligeiras da cidade que me encontro com esses incômodos internos, com esses amores guardados e esses fragmentos de memórias carregados de narrativas orais e imagéticas, onde tento me encontrar com essas experiências vividas nos lugares, resgatando lembranças armazenadas nos quais são ativadas dentro desses territórios.

Palavras-chave: Mapa-afetivo, cartazes, sofrimento.

O Projeto, a Dor e o Corpo:

“(…) é o sofrimento que nos move, eu não tenho que buscar o sofrimento, mas eu não tenho que achar que tenho que acabar com o meu sofrimento. Não sou eu que acabo com meu sofrimento, é o meu sofrimento que acaba. Por ele. O sofrimento é um processo no seu corpo, ele tem um processo de maturação no seu corpo, ele se elabora e ele termina. Mas não queremos dar o tempo do sofrimento, que rasga sua alma para ficar mais longa. Sofrer. Uma das razões do sofrimento, é o rompimento da alma, para se tornar maior. E quanto a alma se torna maior, ela cabe mais mundo, ela permite mais contradição. Então a pessoa amadurece quando ela lida melhor com o sofrimento.” (VIVIANE MOSÉ EM ANAMNESE. Trend House Productions, 2012, 29’23’. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=thJxZI0C24Q&t=7s>)

¹ Universidade da Amazônia. beatrizpaiva112@gmail.com.

Tomo a liberdade para conduzir esse artigo, em alguns momentos, em primeira pessoa, de forma a lembrar da importância dos processos subjetivos da autora, de suas memórias, vivências e experiências dentro dos espaços existentes nesse mapa afetivo da vida.

A ilustração constituiu-se como o primeiro item do projeto, feito em outubro de 2016, no projeto “inktober” (projeto criado em 2009, pelo ilustrador Jake Parker, visando aprimorar as habilidades artísticas e reunir uma galeria digital dos participantes que toparem a iniciativa). O fim do ano passado, para mim, foi um caos. Eu estava passando por um momento muito conturbado dentro do meu antigo relacionamento, e no meio desse caos houve uma separação. Separação esta que gerou junto com a imagem (Figura 1) do projeto a frase “Essa Dor Me Perfurou Até as Entranhas”.

Essa Dor Me Perfurou Até As Entranhas
Essa Separação Me Perfurou Até Entranhas
Teu Amor Me Perfurou Até As Entranhas
Essa Saudade Me Perfurou Até As Entranhas
(Beatriz Paiva, 2016)

Figura 1 – Essa Dor Me Pefurou Até As Entranhas



Fonte: Ilustração da autora, Beatriz Paiva (2016)

A partir da frase, comecei a refletir sobre meus relacionamentos. Além das dores causadas nos términos eu passei por momentos de transformações pessoais em relação ao meu modo de me portar diante do mundo e sobre eu mesma. Acontecia comigo exatamente o que

Vivian Mosé diz no vídeo de Anamnse, sentia meu sofrimento me movendo, me rasgando e eu entrando nele para tentar me tornar maior e amadurecer. Entrava em um transe de percepções sobre as coisas ao meu redor e sentia que de certa forma, minha criatividade era melhor aproveitada quando eu estava triste e sofrendo por alguém. Quando o tempo passava, o sofrimento acabava por ele mesmo.

Segundo Marina Abramovic (2017, p. 40) cada parte isolada do nosso corpo está ligada a diferentes sinais que lhe permitem entender o que está acontecendo por dentro de você – num nível espiritual, mas também num nível físico e mental. E é o que acontece quando vou a esses lugares. Sinto minha cabeça escavando memórias, o coração acelerando, o sentimento e a emoção mudando. Ora sinto alegria, ora sinto raiva, ou ora fico triste. E é nesse escavar de lembranças que conduzo essa pesquisa, sendo a ilustração tomada como primeiro passo dentro do processo representacional metafórico que a imagem possui, passando após para essa representação escrita. Essa metáfora imagética vai além da cognitividade, é a conquista da intimidade, o encontro do eu com o espaço e a facilitação de minhas expressões emocionais, fazendo com que esta dor em relação ao amor remeta esses lugares a uma experiência radicalmente subjetiva, constituindo uma linguagem sentimental.

“Na dor, manifesta-se claramente a relação entre o indivíduo e a sociedade. As formas de sentir e de expressar a dor são regidas por códigos culturais e a própria dor, como fato humano, constitui-se a partir dos significados conferidos pela coletividade, que sanciona as formas de manifestação dos sentimentos. Embora singular para quem a sente, a dor se insere num universo de referências simbólicas, configurando um fato cultural.” (SARTI A. Cynthia, A dor, o indivíduo e a Cultura, 2001).

Cynthia (2001. p.2) diz que embora singular para quem a sente, a dor, como qualquer experiência humana, traz a possibilidade de ser compartilhada em seu significado, que é uma realidade coletiva (embora jamais possamos nos assegurar de que o que atribuímos ao outro, corresponda exatamente ao que ele atribui a si mesmo). Assim, dizemos que entendemos a dor do outro. Não é precisamente esta possibilidade que fundamenta o sentimento da compaixão, a comoção diante do sofrimento alheio? Mas como saber da dor do outro? E a nossa dor? Como vivenciá-la e expressá-la? Quem irá entendê-la e como? O que há de social num sentimento tão singular? A gente cuida da nossa dor como tentar cuidar dor de outras pessoas ao nosso redor?

É nesse sentido que quando a gente fala de dor, associamos logo a um fenômeno neurofisiológico. Pensando na forma como a gente sente e vivência essa dor, implicando a

uma experiência corporal prévia, que relaciona com o que Abramovic diz sobre cada parte do nosso corpo estar ligada a diferentes sinais que vão nos permitir entender o que está acontecendo dentro da gente. É escavar a dor, coçar a dor, a sentir entrando e rasgando as entranhas, pra se poder entender e refletir o que está acontecendo no nosso interior corporal, mental ou afetivo.

Cartazes, Lambe-Lambe

Durante o século X, por meio de *xilogravuras*, surgiram os primeiros prospectos de cartazes. Obtidos através de impressões de matrizes talhadas em madeira pelos povos orientais. Durante o renascimento (meados do século XIV e o fim do século XVI). O primeiro cartaz no qual se tem conhecimento é o de *Saint-Flour*, em 1454, feito em manuscrito e sem imagens. Mas foi somente no final do século XIX que as artes e ilustrações em folhas de papel alcançaram uma maior projeção, sendo propagadas pelos mercados europeus. Em 1869, *Juler Cherét*, filho de um compositor tipográfico e aprendiz de um litógrafo em Paris, desenvolveu um sistema no qual usava 3 a 4 cores de impressão. Sendo, então, considerado o pioneiro na criação de cartazes publicitários e artístico, combinando imagens com textos curtos, permitindo assim uma rápida leitura e recepção clara da mensagem.

Em 1880, o estilo de *Cherét*, atingiu o auge e foi adaptado e desenvolvido pelo artista pós-impressionista e litógrafo *Toulouse-Lautrec*. *Lautreac* assinou centenas de cartazes de divulgação de cabarés, reproduzidos através de pedras litográficas. O litógrafo pós-impressionista era reconhecido por retratar cenas da vida noturna, da *bohemia* e do submundo em Paris, e através de seu toque impressionista nos cartazes, a arte publicitária alcançou popularidade, sendo possível uma maior difusão dos cartazes impressos.

Figura 3 – Moulin Rouge, Henri de Toulouse-Lautrec, Paris, 1891.



Fonte: Arquivo Digital (2017).

“A litografia (de *lithos*, "pedra" e *graphein*, "escrever") é descoberta no final do século XVIII por Aloys Senefelder (1771-1834), dramaturgo da Bavária que busca um meio econômico de imprimir suas peças de teatro. Trata-se de um método de impressão a partir de imagem desenhada sobre base, em geral de calcário especial, conhecida como "pedra litográfica". Após desenho feito com materiais gordurosos ([lápiz](#), bastão, pasta etc.), a pedra é tratada com soluções químicas e água que fixam as áreas oleosas do desenho sobre a superfície. A impressão da imagem é obtida por meio de uma prensa litográfica que desliza sobre o papel. A flexibilidade do processo litográfico permite resultados diversos em função dos materiais empregados: em lugar da pedra, cada vez mais são usadas chapas de plástico ou metal, em particular de zinco. O desenho, por sua vez, altera sua fisionomia de acordo com o uso de pena, lápis ou pincel. Testes de cor, texturas, graus de luminosidade e transparência conferem às litografias distintos aspectos.” (LITOGRAFIA. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5086/litografia>>. Acesso em: 30 de Nov. 2017. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7).

Segundo define Sampaio (2003), cartaz é uma mensagem de caráter publicitário, apresentadas através de recursos visuais compostos por elementos gráficos, imagens e textos que juntos transmitem informações de interesse comum. Esta peça gráfica pode ser utilizada das mais variadas formas, podendo se fazer presente em paredes, muros, painéis, veículos e estabelecimentos em geral (SAMPAIO, 2003).

Quanto peça gráfica, um cartaz sempre está associado a um contexto, seja dentro de protestos, manifestações ou como peças publicitárias, sendo uma forma de comunicação visual impressa. Normalmente o cartaz é veiculado em vias públicas, devendo ter uma fácil visualização por um número maior de pessoas e da forma mais instantânea possível.

Em 1917, durante o período da Revolução Russa, os cartazes foram desenvolvidos como uma das principais ferramentas de propaganda política. A estética e estilo dos cartazes evoluía à medida que a revolução avançava. Valendo-se dos novos recursos gráficos disponíveis, graças aos avanços industriais do período pós-revolução, geraram peças únicas que foram comprometidas com o discurso político e com a disseminação dos ideais de progresso.

Esses modelos de propagandas políticas utilizando cartazes foram copiados pelos nazistas, sendo fundamentais na consolidação e formação da imagem do Partido Nazista e seu principal representante, Adolf Hitler, no imaginário do povo alemão.

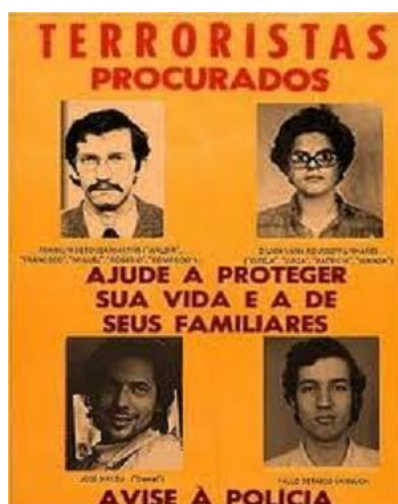
Figura 4 – Cartaz convocando o apoio dos trabalhadores ao governo



Fonte: Arquivo Digital (2017)

No Brasil, os cartazes tiveram uma importância fundamental durante a ditadura militar (1964-1985), através da resistência como formas de protesto e manifestação do descontentamento político e civil que se vivia na época. Esse meio foi utilizado também pelos militares para caçar “bandidos”. Hoje, os cartazes são conhecidos como lambe-lambe e é um dos seguimentos do *street art* (arte urbana).

Figura 5 – Cartaz usado por militares para caçar “terroristas”



Fonte: Arquivo Digital (2017)

Aqui em Belém a prática com os cartazes são muito utilizadas dentro da arte publicitária trazendo uma função criadora, com a divulgação de eventos e festas, gerando uma necessidade de consumo do produto. Dentro da arte urbana, trazendo ilustrações, poemas e

fotografias dentro do caos urbano de Belém temos grandes nomes da prática de lambe-lambe na cidade, como: Elisa Arruda, Éder Oliveira, Coletivo Pitiú, Raphíssima e Caio Aguiar (Bonikta).

Figura 6 – Ilustração de Elisa Arruda na Cidade Velha, 2015



Fonte: Fotografada por Beatriz Paiva

Lugares Temporários, O Mapa:

“Para os geógrafos, a cartografia - diferentemente do mapa, representação de um todo estático - é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 1989, p.15).

Neste capítulo, falarei sobre afetividade e ambiente urbano, entendendo a vida como um grande mapa que constrói relação entre a objetividade e o espaço construído, enfatizando o afeto como grande agregador das percepções e conhecimentos sobre a cidade. Existe dentro desse eixo de investigação urbanística uma psicologia ambiental voltada para o ambiente urbano. O objetivo de envolver essa psicologia urbana dentro desse estudo de questões urbanísticas é por que ela tem sido estudada dentro da arquitetura, geografia, antropologia, sociologia urbana, etc. Promovendo uma perspectiva disciplinar.

Essa afetividade como expressão do espaço, tem sido estudada pela psicologia social e ambiental. A afetividade como entendimento do encontro do indivíduo com a cidade, integra aspectos de conhecimentos, percepção e orientação dos espaços, estimula uma reflexão sobre a possibilidade de desenvolvimento de uma realidade ético-afetiva na cidade, segundo Sawaia (1995). Essa imagem ambiental em sua importância emotiva reflete a dimensão afetiva nos espaços cognitivos.

Pensando em um meio de acessar esses afetos dentro de minhas investigações sentimentais e ambientais como habitantes da cidade, busquei um instrumento que abarcasse

imagens e palavras ligadas dentro de uma perspectiva sentimental: a construção de um mapa afetivo. E ao entender a vida como um mapa, compreende-se que cada pessoa possui seu mapa mental da cidade, mesmo que fragmentários, de ruas, avenidas ou de certos bairros em relação a outros, usando suas experiências de formas observáveis na linguagem da emoção.

Os mapas são representações do espaço. Fazem parte do nosso cotidiano e servem para orientação. Considerando que meu objetivo é retratar de forma subjetiva a afetividade em relação aos espaços de afeto presentes na cidade, uso o recurso da imagem dentro de uma intervenção ambiental e urbana que possa não somente ser lido, mas também visto.

“Imagens ou representações assentadas em sinais emotivos ou expressivos, elaborados a partir de recursos imagéticos (desenhos, fotos, objetos de arte). Afirmamos que eles são reveladores da implicação do indivíduo a um determinado ambiente: casa, bairro, comunidade, cidade. Podem ser gerados a partir de mapas cognitivos, porém seu maior objetivo não é a orientação espacial ou a localização gráfica. Eles são orientadores de estratégias de ação e avaliação dos níveis de apropriação (pertencer ou não pertencer a um lugar), apego (vinculação incondicional a um lugar) e de identidade social urbana (conjunto de valores, representações, atitudes que tomam parte da identidade do indivíduo no lugar). Como síntese dos afetos, eles também apontam o nível de implicação do indivíduo no lugar. Dado seu caráter representacional e criativo, são recursos de acesso à dialética subjetividade/objetividade na cidade. (Bonfim, 2003).

Figura 7 – Mapa Afetivo



Fonte: Fotografia tirada pela autora (2017)

Marco: Casa

Pensar no bairro do Marco, para mim, é pensar em casa. Casa no sentido mais único e simplista que a palavra possui. Entender que durante 20 anos as memórias sentidas e vividas desse lugar são o ponto de partida desse meu mapa afetivo. A criação do bairro se deu na Belle Époque (virada do século XIX para o XX), durante a administração do intendente Antônio Lemos. O bairro servia para demarcar o limite da cidade, como o grande marco final de Belém. Com o decorrer populacional da cidade, o bairro transformou-se em um ponto de partida da cidade, fazendo com que quem entra ou sai da capital passe pela avenida principal que corta o bairro.

Figura 8 – Foto do lambe no bairro do Marco



Fonte: Fotografada pela autora, Beatriz Paiva (2017)

Pedreira: Um Pouco do Que A gente Foi, Sinestesia, Mudança:

“Bairro do samba e do amor”, assim é conhecido o bairro da Pedreira em Belém. Esse foi o apelido dado pela escritora Eneida de Moraes, pelos festejos carnavalescos do bairro, onde possui a sede da Aldeia Cabana, que é o principal palco de eventos de carnaval em Belém, produzindo muita história e memória. O bairro da Pedreira, supostamente possui este nome por ligação às pedras que existiam em suas imediações. O bairro também já possuiu o nome de Pedreira do Guamá e foi através dele que houve o desembarque das tropas imperiais que iriam combater os rebeldes cabanos que tomaram Belém. Essa escolha foi feita por Francisco José de Sousa Soares de Andrea, presidente da província. Hoje, o bairro da Pedreira

é conhecido por seus pontos de comércio, suas vias modernas e arborizadas e se destaca pela procura de áreas e imóveis.

A Pedreira é o bairro que eu mais frequento desde criança, fazendo com que eu migre e saia do meu bairro para fazer todas as minhas atividades escolares e cursos. Mamãe trabalha em uma escola religiosa presente no bairro, minha primeira namorada é moradora do bairro, estudei durante boa parte da minha em escolas presente nele e recentemente me relacionei afetivamente com uma pessoa moradora da Pedreira.

Umarizal: Pauxis (Aqui Em 2017 Eu Chorei Por Ti):

Dando características de bairro periférico a região, anteriormente o bairro do Umarizal, era onde se concentrava as fazendas e moradias de pessoas sem condições. Porém, durante o ciclo da borracha na Amazônia, o bairro se transformou em um dos bairros mais nobres da cidade. Esse apogeu da borracha se deu no final do século XIX e o início do XX, havendo um surto econômico que atraiu migrantes de várias regiões do Brasil, gerando assim uma grande explosão demográfica. Hoje o Umarizal é conhecido por seus redutos intelectuais, a boemia e por ser um dos bairros mais caros e valorizados da cidade. Eneida de Moraes foi uma das moradoras do bairro. O nome do bairro veio das árvores de Umari (fruta silvestre) que existiam por lá durante a época da colonização.

Quando entrei na universidade (2015) e fiz amizades, começamos a frequentar um bar existente a um quarteirão de distância de onde estudávamos. Bar esse que sempre no qual temos oportunidade e dinheiro, após as aulas e às vezes até mesmo durante as mesmas, nos reunimos para momentos de confraternização. Fora esses momentos de confraternizar, o bar já foi palco pra muito choro, muitas lágrimas e desabafos. Arrisco dizer que 2017 foi o ano que mais frequentei o Pauxis.

Pauxis é uma loja simples de conveniência existente a mais de 20 anos que vende além de produtos usuais para alimentação, vende pimentas e cachaças caseiras. Servindo também como lanchonete, bar, cachaçaria e melhor lugar que a gente (eu e meus amigos da universidade) costumamos ir. Várias vezes, durante os momentos desses encontros, me despedacei chorando pelo término definitivo com a moça que causou a dor de inspiração para a ilustração desse projeto. Faço uma analogia do título *“Aqui, em 2017, chorei por ti”* com a frase *“Daqui, em 1976, acenei pra você”*, localizada no antigo casarão Solar da Beira, presente no mercado do Ver-O-Peso.

Figura 9 – Foto do lambe no Pauxis, Umarizal



Fonte: Fotografia da autora, Beatriz Paiva (2017)

Batista Campos: Horto, Composição Arte e Bar

João Batista Gonçalves Campos (1782-1834), líder do movimento da Cabanagem. Esse é nome que serviu de inspiração para o nome do bairro nobre Batista Campos. Mesmo o bairro estando em constante progresso e expansão imobiliária, a Batista Campos ainda conserva muitos casarões antigos, construídos nos séculos XIX e XX, durante o histórico do ciclo da borracha. O bairro possui o cemitério da Soledade, tombado como patrimônio histórico de Belém. A maioria de suas ruas recebeu o nome de tribos indígenas, como: Pariquis, Timbiras e Caripunas.

Esses dois lugares também são bares que frequentei durante certo período da vida. O horto é um lugar da cidade que costuma reunir pessoas de várias tribos, com diferentes idades. Já tive muitos momentos sentimentais dentro dos meus relacionamentos lá no horto. A primeira vez que fui, com 17 anos, foi com a primeira namorada que tive (aquela que mora no bairro da Pedreira), e a primeira vista odiei o lugar. É um barzinho bem pequeno e meio sujo no meio de uma rua estreita. Comecei a frequentá-lo mais assiduamente quando fiz 18 e depois que terminamos.

Reduto: Bar do 8 (Matando a Saudade):

Possuindo um lado moderno e outro histórico, o bairro do reduto é hoje um dos endereços mais caros de Belém. O bairro surgiu em 1751, como o Reduto de São José. A ideia inicial era erguer um forte militar para proteger e expandir o território do município a partir do Forte de São Pedro Nolasco, onde hoje fica a Estação das Docas.

Comecei a frequentar o bar do 8 em 2015. O local ficava situado bem perto da Praça da República, sendo conhecido e considerado como um espaço afirmativo de construções

políticas e artísticas. As pessoas que costumavam frequentar o 8 não faziam parte da parcela elitista da cidade. Era um lugar frequentado por “*baderneiros*” (como ouvi uma vez). Pessoas ligadas a movimentos sociais, a população LGBTQ+, artistas, ativistas e etc. Sendo assim o 8 era um espaço de resistência.

Campina: Associação Fotoativa (Conexões):

Campina é um bairro histórico de Belém. É um bairro de forte referência tanto cultural quanto econômica pra cidade. Possui características comerciais mantidas desde o final do século XIX. Sendo o bairro um lugar tombado, os empreendimentos imobiliários ficam um pouco estagnados, que não permite a construção de edifícios no local. Apesar disso, o bairro é super valorizado em decorrência de ser o centro comercial da cidade. Mas, mesmo com o tombamento e valorização comercial do bairro, ele ainda presencia muitos problemas que dificultam a conservação patrimonial cultural do lugar. O bairro da Campina junto com o bairro da Cidade Velha forma o centro histórico de Belém.

Minha relação com a fotoativa começa oficialmente no final de 2016, após passar em uma seleção para estagiar na exposição *Não-Dito*, da artista recifense Ana Lira. A partir daí comecei a me relacionar mais ativamente com o casarão e com as pessoas que frequentavam assiduamente ele. Foi onde conheci dois grandes amigos meu, onde comecei meu período de transformação interior e onde acabei iniciando um novo processo de sentimentos afetivos.

Figura 10 – Foto do lambe na Fotoativa, Campina



Fonte: Fotografia de Mauricio Igor (2017)

Guamá: Início, Teu Amor Me Perfurou Até As Entranhas:

A história do bairro do Guamá é muito triste. Ele nasceu por ser afastado do centro, abrigando hospitais para infectocontagiosos, leprosos e cemitérios para deixar longe de cidadão saudáveis. Era o bairro onde os escravos que contraíam lepra e que eram abandonados nas ruas pelos escravistas se abrigavam. Como os negros ficavam excluídos, acabavam confinado e condenados a este isolamento.

Em 1905, Antônio Lemos, tentou deixar o espaço mais confortável para evitar as fugas constantes dos doentes, mesmo depois do fim da escravidão. Mas o bairro já era considerado como “a sala de espera da morte” e “depósito de lixo social” pelos jornais. Era o bairro que abrigava pessoas consideradas indesejáveis e inúteis para a sociedade. Esse isolamento tem sido gradativamente eliminada com a ampliação da cidade e do bairro, tornando o bairro do Guamá um lugar de muita resistência. Hoje possui um centro comercial muito forte, e é onde abriga a Universidade Federal do Pará.

Minha relação com o bairro é puramente afetiva, por ter me relacionado com uma moradora dele. Ainda é dificultoso para eu ir ao bairro e ter minhas memórias ativadas para esta relação. Foi quem me inspirou o primeiro processo do projeto: o desenho.

Figura 11 – Foto do lambe no bairro do Guamá



Fonte: Fotografia de Dairi Paixão (2017)

Bibliografia:

ABRAMOVIC, MARINA. **Pelas Paredes: Memórias de Marina Abramovic**/ Marina Abramovic; Tradução de Waldea Barcelos – 1ª ed – Rio de Janeiro: José Olympio, 2017.

BATISTA CAMPOS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017.

Disponível

em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Batista_Campos&oldid=49665869>. Acesso em: 23 ago. 2017.

BELÉM ANTIGA. **Guamá. A triste e desconhecida história que deu início ao bairro.** Disponível em: <<http://belemantiga.blogspot.com.br/2014/11/guama-triste-e-desconhecida-historia.html>>. Acesso em 23 ago. 2017

CAMPINA (BELÉM). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Campina_\(Bel%C3%A9m\)&oldid=49666085](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Campina_(Bel%C3%A9m)&oldid=49666085)>. Acesso em: 23 ago. 2017.

CARTAZ. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Cartaz&oldid=50523147>>. Acesso em: 19 nov. 2017.

DIARIO ONLINE. **Um grande marco e um grande bairro para belém.** Disponível em: <<http://www.diarioonline.com.br/noticia-334066-.html>>. Acesso em: 25 de Nov. 2017.

DIARIO ONLINE. **Reduto: Bairro que mistura história e modernidade.** Disponível em: <<http://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-390205-reduto-bairro-que-mistura-historia-e-modernidade.html>>. Acesso em: 27 de Nov. 2017

LITOGRAFIA. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira.** São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo5086/litografia>>. Acesso em: 30 de Nov. 2017. Verbetes da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7.

MAICKNUCLEAR. **Cola com farinha.** 2011. 20'. Disponível em: <<http://curtadoc.tv/curta/artes/cola-de-farinha-doc/>>.

MOLES, Abraham A. **O Cartaz.** trad. Miriam Garcia Mendes. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

SANTOS, Schwertner L. **Construtivismo Russo: A arte e o design gráfico dos cartazes soviéticos.** Lajeado, Novembro de 2014.

SAMPAIO, Rafael. **Propaganda de A a Z.** 14a Ed.: Editora Campus, 2003.

SAWAIA, B. B. (1995). **O calor do Lugar, segregação urbana e identidade. São Paulo em perspectiva: questões urbanas. Os sentidos das mudanças.** São Paulo, Volume 9/2/ABR-JUN-20-24.

TREND HOUSE PRODUCTIONS, **Viviane Mosé em Anamnese**. 2012, 29'23''.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=thJxZl0C24Q&t=7s> ;

UMARIZAL (BELÉM). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2017. Disponível em:
<[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Umarizal_\(Bel%C3%A9m\)&oldid=49972169](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Umarizal_(Bel%C3%A9m)&oldid=49972169)>.
Acesso em: 28 set. 2017